

(2012) **DIMAS SIMAS LOPES, *SONATA PARA UM VIAJANTE*.**  
VILA NOVA DE GAIA, CALENDÁRIO DAS LETRAS.

Paula Alexandra de Sousa Cotter Cabral – Escola Secundária Vitorino Nemésio. Rua Comendador Francisco Barcelos. 9760-434 Praia da Vitória.

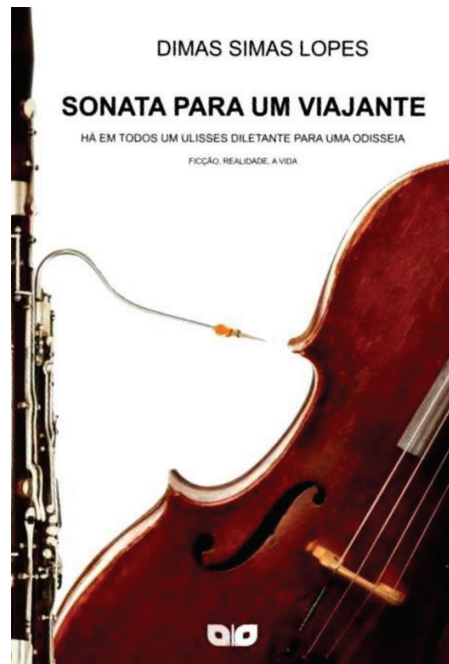
*Pela escrita, aprende-se a fazer falar*

Esta é uma das epígrafes do livro de estreia deste autor polifacetado que lida com as diferentes formas de arte como se de familiares se tratasse. “A música é mãe de toda a sua criação. A pintura e a literatura são as filhas. Depois há ainda uma prima, a escultura”, refere Francisca Cunha Rêgo em entrevista ao escritor (*JL*, ano XXXII, n.º 1084, p. 13).

Nesta obra, somos conduzidos pela viagem da memória através do espaço físico e cultural de Abel. Embalada pelos processos de rememoração, a personagem percorre os lugares de infância, povoados de costumes e tradições e emoldurados pelas paisagens que atravessa.

Do insular ao cosmopolitismo, surge em vários momentos da narrativa interseccionismos do património tradicional com a erudição artística europeia e mundial. Na contracapa, podemos encontrar a seguinte referência de Vasco Pereira da Costa, “o autor distende uma cultura radicular até um cosmopolitismo arejado”, que acentua a integração de elementos

que constituem a razão de ser da vida. Os extratos da memória organizam-se sob uma coerência discursiva que revela a paixão inquestionável e feroz pelas diferentes manifestações artísticas. Cada sequência é introduzida por um título-comentário, revelando quer a orientação do pensamento do narrador quer uma breve reflexão e posicionamento contextual da perso-



nagem Abel, «ao assinalar episódios dos tempos de infância e da adolescência, vestígios que revisita, afirma que a vida é viagem de viagens, numa corrida de fugas e procuras» (p. 8).

A diversidade desta “sonata” de escrita compõe-se, sobretudo, na cadência e nos andamentos dos relatos expressos através de uma corrente de consciência que deixa transbordar, aqui e ali, pedaços das histórias de vida, recantos íntimos das relações humanas. Os episódios surgem em *flashes* e apelam a um (re)conhecimento das tradições açorianas, principalmente terceirenses, de tempos idos, apesar de se manterem vivos na memória coletiva das pessoas da ínsula. Neste sentido, numa encruzilhada de termos populares, coloquiais, e vocábulos de registo cuidado e de cariz científico, o discurso oscila entre o fluxo aparentemente desordenado de emoções e de ideias que se constituem como documento de uma época, filtrados pela visão da personagem, evocando referentes culturais (cinematográficos, musicais,...) de momentos específicos da História Contemporânea.

Repleta de sinestésias, ora apelando aos aromas ora aos paladares, a obra converge essencialmente para a diversidade e riqueza do universo cultural que cimenta o povo das ilhas. Em certos momentos, podemos até sentir os sons das brincadeiras, as interjeições felizes do convívio e os cheiros da

atividade das cozinhas com forno de lenha.

Acompanha-se progressivamente o crescimento de Abel, a alteração de hábitos, a perspetiva emocional e a evolução de sentimentos perante a imensidão do mundo. Surge um homem que, do jogo do pião, se entrelaça nas teias da descoberta e interiorização de novas experiências de vida. O ponto de partida, o Porto do Mistério do Norte, emerge pontualmente e marca a essência e a segurança, a ligação uterina a um espaço mais espiritual que físico. É, aqui, neste porto de abrigo que radicam as idiossincrasias do sujeito, absorvendo as influências dos espaços percorridos. Num fôlego, acompanhamos a descrição dos itinerários e das rotas da amizade, as experiências sensoriais, numa travessia pela Europa (cf. pp. 64-67), transmitidas num “galope” discursivo e intensamente imagético. A abordagem surpreende, assim, o leitor com o ritmo alucinante do itinerário dos amigos Abel, Antunes e Olívio.

As viagens desta escrita são feitas, indiscutivelmente, dos espaços e, sobretudo, da reflexão sobre o tempo e sobre o conhecimento do ser humano, «o tempo, esse insensível, é imune às acções, não se sabe se o tempo tem a capacidade se rir das asneiras e aplaudir as boas acções [...]» (p. 75), pois desperta o Homem para o lugar que ocupa no universo, «o tempo e a

natureza passam ao lado dos homens que desconhecem as suas leis. [...] Ainda falta entender os fenómenos e o interior da matéria, falta conhecer o homem e o homem a vida» (p. 103). No final, tudo converge para a boda da Mariazinha Mestre, pretexto para reunir à mesa o ecletismo cultural polvilhado da tradição da terra natal, símbolo da união profana, sem implicações oficiais, sem juízes, tal como todas as nações o deveriam fazer. Um

hino à tolerância que apela à convivialidade das diferenças.

Nesta *Sonata para um viajante*, o jazz, o rap, o flamenco de Paloma, o “Bolero” de Ravel surgem em apoteose, sob a égide da solidariedade através da música, enquanto “língua universal”, porventura, conduzindo-nos à viagem ao centro de cada um de nós – *Há em todos um Ulisses diletante para uma odisseia*. PAULA COTTER CABRAL